

## **A ANTIGA CHAMA DO CELTISMO VOLTA A AQUECER O VELHO MUNDO ?**

Erick Carvalho de Mello  
carvalho.mello@gmail.com

### **Resumo:**

Na franja céltica europeia, os festivais celtas constituem uma forma bem organizada de consumo em conjunto de um sentimento de pertença pessoal. Com as últimas décadas, com o crescimento de sua participação na economia capitalista, esses festivais se tornaram conhecidos mundialmente e atraíram diferentes grupos para investir dinheiro nestes festivais, o que modificou nossa visão dos mesmos. Este trabalho traça uma análise destes festivais institucionais como uma performatividade social e simbólica. Desta forma, ao contrário de serem repositórios de costumes ancestrais, esses festivais marcam as condições para uma integração destes grupos étnicos em uma franja céltica moderna para fora de seus Estados originais, mas sem se desprender do Estado em si.

**Palavras chave:** Celtas. Memória. Festivais.

## **HAS THE OLD FLAME OF CELTICISM RETURNED TO WARM THE OLD WORLD?**

### **Abstract:**

In the European Celtic fringe, Celtic festivals constitute a very organized form of consumption allied with personal belonging. For the past decades with the growing participation in capitalist economy, those festivals have become known worldwide and attracted different kinds of organizations to invest money for boosting those festivals and changing the main perception of it. Drawing on an analysis of institutional festivals as a social and symbolic performativity, the paper argues that rather than a repository of ancestral customs, as claimed by some groups, those specific festivals publically state the conditions for the ethnic group at play to be integrated within a large and modern Celtic fringe outside their major State, but without being apart from the State itself

**Key-words:** Celts, Memory, Festivals

Na Europa, mesmo em pleno século XXI, não é difícil encontrar aqueles que busquem na antiguidade suas raízes. As causas são muitas. Os sentimentos de pertença encontram-se em ebulição pelos mais diversos fatores políticos, culturais e econômicos. Entre eles, o espectro do celtismo volta a rondar o velho continente. Pouco importa que os antigos celtas há muito desapareceram enquanto civilização. Ao longo do litoral atlântico europeu é relativamente fácil encontrar um “celta” a vagar pelos pubs com suas canções e deslocado, para não dizer perdido, entre sua

pertença local, seu sentimento nacional oficial e até mesmo em escala mais ampla, europeu.

No entanto, buscar entender esse sentimento céltico nesta parte do mundo já não é tão fácil. As dúvidas são muitas e as formas como esta identidade se apresenta são tão variadas quanto antagônicas. Seguir o caminho dos antigos, por onde estes celtas modernos vivem, requer disposição para se embrenhar nos confins mais remotos do oeste europeu, terras que já na época dos antigos celtas os romanos chamavam de *Finisterrae*, o fim do mundo conhecido.

É nesta franja céltica atlântica que residem estes herdeiros dos chamados “gloriosos perdedores”, partilhando de valores e visões de mundo muitas vezes distintas dos grupos nacionais majoritários dos quais fazem parte. Não é por menos que David Harvey diz que ao buscarmos um melhor entendimento da celticidade moderna enquanto categoria nós contribuímos também para a solução de uma série de questões cruciais para a sociedade contemporânea como, por exemplo:

Políticas de exclusão, divisão e subversão dentro dos supostamente unificados grupos folclóricos, a promoção da diferença como meio político, cultural ou econômico e a busca por identidade e pertença dentro de uma sociedade de consumo pós-moderna (HARVEY, 2002. p. 4).

Nestes locais afastados e periféricos, nós encontramos para além da chuva recorrente, monumentos contemporâneos e da antiguidade lado a lado. Ruínas megalíticas e estátuas urbanas retratando lendas apenas compreendidas em algum pub ou nas estantes de livros espalhadas por livrarias locais. Com um pouco de sorte – e, pra sermos sinceros, saindo dos grandes centros – nós podemos encontrar falas perdidas entre o som de uma flauta ou gaita de foles. Estas falas, muitas vezes proferidas no resistente idioma local, refletem sentimentos dos mais variados acerca do pertencimento céltico, muitos deles conflitantes.

Nestas falas locais residem lendas e vivências costuradas em meio a música tradicional destas regiões, das roupas, dos esportes tidos como exóticos (por serem praticados apenas nestas localidades) e no orgulho pessoal que cada um destes indivíduos leva no seu projeto reflexivo do seu eu celta carregado com o sotaque e experiências coletivas locais bem distantes das culturas nacionais britânicas, francesas e espanholas das quais por oficialidade deveriam pertencer.

Afinal, o que caracteriza uma terra céltica no final das contas? E mais do que isso, o que caracteriza a experiência identitária social céltica? Para além da conceituação acadêmica e histórica, nós acreditamos que a busca por um entendimento destes diferentes aportes que constituem uma fronteira étnica céltica (BARTH, 2011) deve ter por norte a Memória. Deve buscar aqueles que hoje batem no peito em orgulho de sua ascendência ancestral.

A Identidade social céltica aqui tem forte apoio em tradições inventadas das quais a música, a paisagem, o vestuário e suas representações visuais aparentam ocupar lugar de destaque. Entre os pubs e pequenos estabelecimentos onde a vida acontece, a pluralidade das vozes nos fala de antigas lendas, de mistérios dos mais variados e, sobretudo, de um folclore orgulhosamente local, mas que encontra paralelos em toda a franja céltica. Paralelo este já notado pelos antigos nacionalistas, bem verdade, mas que nos dias atuais é consumido de formas um tanto quanto diferenciadas, para não dizer diletantes.

E neste ponto encontramos uma dúvida que paira sobre qualquer um que se sinta atraído em desvendar destes mistérios célticos preservados nas lendas e espacialidades atlânticas: essas memórias coletivas se pretendem uma só? Existe uma homogeneidade céltica que perpassando a esfera local explode em uma Pan-celtismo global unindo desde as “nações celtas” espremidas no extremo oeste europeu até as comunidades diaspóricas formadas pelo fluxo migratório incessante ao longo dos últimos séculos? Ou estes celticismos nada pretendem senão formarem-se localmente de acordo com suas demandas culturais e *políticas-vida* específicas?

E sobre estas construções, como estes diferentes celtas exprimem este orgulho? Como sua experiência personalizada e sua visão de mundo contemporânea nos traduzem este sentimento de celticidade entre suas tradições inventadas e lembranças coletivas estruturadoras de sua memória e sua *auto-identidade*?

Esta construção mnemônica céltica empreende um esforço coletivo. Este esforço presente tanto na franja céltica quanto em seus grupos diaspóricos depende da articulação existente entre os grupos de lembranças partilhadas por estas diferentes vivências do celtismo, mas que se comunicam em uma balança de interesses constituinte do que podemos chamar de uma Memória Coletiva nos termos de Maurice Halbwachs (2006).

Para melhor entendermos estas vivências coletivas célticas é necessário compreender os processos de rememoração destas celticidades como um todo e que formam as fronteiras étnicas de uma Identidade social celta viva e presente em diferentes esferas dos indivíduos que lá vivem. Perceber estas construções mnemônicas é entender esse estilo de vida moderno e quem sabe entender os mecanismos por demais sedutores desta memória celta resistente e apaixonada.

Afinal, estes celtas modernos ostentam seu orgulho em meio a idealização e representação de elementos de antiguidade comprovada materialmente, mas não reconhecida oficialmente. Sua vivência, assim como a maior parte de suas línguas específicas, segue uma cadência gutural ao passo que musical e estão presentes na força ancestral evocada nos festivais ao longo da franja céltica.

Nestes festivais celtas reside o que acreditamos ser a melhor expressão contemporânea das memórias coletivas e deste celtismo moderno. Um encontro de cores e bandeiras célticas tentando estabelecer por meio de seu estilo de vida folclórico uma *política-vida* que busque realizar no contexto do local e do global um sistema internamente referido a esta celticidade contemporânea.

Os festivais espalhados por toda Europa são a nosso ver o local onde as celticidades são melhor abordadas e onde estes viventes do celtismo melhor exprimem seus sentimentos de pertença. Por tanto, são nestes festivais variados que podemos encontrar muito provavelmente os elementos representativos desta vivência celta e suas relações constitutivas de uma identidade social que se pretenda representativa e reconhecida para alcançar certos status afirmativos (SILVA, 2009).

Mas de que festivais estamos falando especificamente? Afinal, o que não falta no velho continente é festival étnico buscando reconhecimento. Entendemos aqui duas categorias de festivais. Os locais, também conhecidos como gaélicos e os internacionais, normalmente referendados como pancélticos. Neste caso específico, vamos exemplificar apenas quatro destes festivais que se intitulam celtas atualmente: O “Festival Internacional do mundo celta de Ortigueira”, na Galicia; o “Festival nacional de Eisteddfod”, em Gales; o “Festival Pan céltico da Irlanda” e o “Festival intercéltico de Lorient”, na Bretanha francesa.

No entanto, estes quatro festivais supramencionados são os maiores e mais conhecidos deste ‘mundo céltico’, por assim dizer. Cada um destes festivais tem características próprias ligadas as suas localidades de origem, mas partilham de um

sentimento pan céltico em sua estrutura atraindo habitantes não apenas locais, mas de outras regiões do mundo céltico no intuito de prestigiar o evento e também de fazer de parte efetivamente de sua vivência.

O “Festival Internacional do Mundo Celta de Ortigueira”, por exemplo, acontece no mês de Julho desde 1978 até os dias atuais. Durante o verão europeu, o festival, originalmente fundado pela escola de gaitas de Ortigueira, promove anualmente um encontro com a música de todas as nações célticas recebendo viajantes acampados de toda a franja atlântica.

Com a mesma estrutura temos o Festival Pan céltico da Irlanda organizado desde 1971 e com localidade rotativa por toda a Ilha da Irlanda. Desde sua primeira edição na região de Killarney até os dias atuais, e hoje em dia este festival agrega as principais nações celtas das ilhas com a intenção de celebrá-lo: Irlanda, Escócia, País de Gales, Cornualha e Ilha de Man. O mais interessante deste festival irlandês itinerante é justamente sua dedicação para com o gaélico presente nas competições de músicas originais compostas exclusivamente na resistente língua celta dos irlandeses. Além disso, uma série de competições de dança, música, canções, coros, gaitas e grupos são feitos entre as nações envolvidas promovendo sua maior integração.

Um pouco mais para o leste, no país de Gales, ocorre o mais antigo festival celta de que se tem notícia, o famoso Eisteddfod. Muitos são os diferenciais deste festival com relação aos outros, começando por sua tradição ininterrupta. Afinal, desde 1861 até os dias atuais o Eisteddfod nacional de Gales ocorre na primeira semana de agosto, mantendo uma tradição cultural céltica que serve ainda hoje de referência para os outros festivais tanto na Franja Céltica quanto diaspóricos.

No entanto, a relevância do Eisteddfod para se entender a vivência desta identidade celta nos dias atuais vai muito além de sua longevidade, como nos lembra Prys Morgan, em *“a invenção das tradições”*, mais especificamente no artigo *‘Da Morte a uma perspectiva: a Busca do Passado Galês no período Romântico’* onde ele disserta sobre a relação existente entre a formação identitária galesa, seu uso dos elementos célticos que a formam (em especial a tradição bárdica) e como estes elementos foram referendados e apropriados pela cultura inglesa de maneira a limitá-los e isolá-los das demais tradições inventadas célticas nas ilhas.

A originalidade do movimento revivalista galês, que buscava nas antigas tradições célticas se reinventar, encontrará na figura do bardo seu ponto de

articulação. Ainda segundo Morgan, o ideal do bardo que se tenta evidenciar é o existente na idade média galesa que de maneira profética “*projetava o passado galês no futuro*”, pois

Na sociedade céltica primitiva, os vates ou videntes, prediziam o futuro, função muitas vezes assumida pelos bardos, e assim, após a perda da independência, em 1282, a literatura do brud, ou da profecia, adquiriu grande importância (MORGAN, 2008. p. 56).

A predileção pela figura bárdica no Eisteddfod é análoga ao entendimento de preservação e invenção de tradição estruturada em uma Memória Coletiva articulada por uma figura que por meio da musicalidade e, sobretudo, da oralidade que rememora os feitos célticos de outrora com a formação de uma identidade social galesa contemporânea. Esta visão bárdica galesa presente nos festivais nos é muito próxima, por exemplo, na ideia do aedo existente entre os antigos helenos (VERNANT, 1990), onde o poeta tem uma função próxima do bardo ao usar de técnicas mnemônicas (mneme) para transformar a percepção do presente pela vivência de um passado, ordenando o mundo por catálogos mnemônicos.

O Eisteddfod Nacional é o evento mais importante entre os diferentes *eisteddfodau* que acontecem anualmente em Gales. O próprio nome do festival significa congresso anual de bardos. No entanto, para além da figura bárdica, ele é um evento que demanda a montagem de uma estrutura que permita um festival de tamanha proporção e tradição. E isso envolve gastos expressivos das localidades que o organizam em seus biênios itinerantes pelo País de Gales. A mídia e demais formas de comércio sustentam esta estrutura, o que nos coloca outra dúvida sobre a vivência céltica destes festivais. Afinal, toda essa ancestralidade do Eisteddfod nos dias de hoje não seria tomada como um commodity celta? (HARVEY, 2002).

Esta forma mercantilizada de consumo dos festivais celtas e da própria identidade céltica é um questionamento feito sobre todos os principais festivais, inclusive. Principalmente o que gera maior receita entre todos eles, o Festival Intercéltico de Lorient, na Bretanha francesa. Este festival é atualmente o maior entre os principais festivais célticos dedicados a música e danças célticas, mas também outras formas de expressão artísticas como pinturas, fotografia, interpretação, esculturas, artesanato, gastronomia e esportes ligados as nações celtas europeias e também diaspóricas.

O Festival de Lorient ocorre desde 1971 em agosto e com o tempo veio a englobar mais do que as tradicionais e mais conhecidas nações célticas. Para além dos grupos diaspóricos, nós encontramos a participação de regiões menos reconhecidas entre os grupos étnicos celtas como é o caso das Astúrias, por exemplo.

A pluralidade existente no festival de Lorient nos chama atenção para o aspecto mercadológico presente não apenas na Bretanha francesa, mas em praticamente todos os festivais célticos espalhados pelo mundo. Até que ponto isso interfere na vivência do celtismo partilhado pelos celtas modernos? Até que ponto a experiência mercantilizada interfere na formação desta identidade celta atual?

A resposta reside nos diferentes níveis de Memória que este grupo advoga para si. Para além da própria representatividade, a questão aqui é a voz destes grupos e sua real possibilidade de fala que venha sobrepujar a domesticação histórica de sua própria subalternidade. Apenas desta maneira nós ousamos responder todas estas dúvidas que pairam entre as misteriosas brumas do mundo céltico contemporâneo e desatarmos assim o entrelaçado nó celta de sua própria subalternidade.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 2a ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, Volume 1).

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: \_\_\_\_\_. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p.29-70.

HARVEY, David C. (Ed.). **Celtic geographies: old culture, new time**. Londres: Routledge, 2002.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SILVA, Sérgio Luiz Pereira. **Sociedade da diferença: formações identitárias, esfera pública e democracia na sociedade global**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.